

ECONOMIA DA ESMOLA  
Uma introdução à economia do dízimo<sup>1</sup>

ALMS'S ECONOMIC  
an introduction about economics of the tithe

**RESUMO**

O que significa economia da esmola? A esmola é um meio ou um fim? A esmola é um *meio* de sobrevivência dentro da linha de miséria. Ocorre que, quando a esmola é apropriada institucionalmente e, portanto, estruturada por uma organização religiosa, ela se torna um *fim* para a entidade que a utiliza como instrumento de sustentação: surge a economia da esmola, com uma finalidade essencialmente econômica, tanto assim o é que não é possível imaginar-se qualquer uma das instituições que se utilizam desse meio (a esmola) abrindo mão do mesmo e continuarem a sobreviver (volta-se à esmola como um meio).

Palavras-chave: enriquecimento, esmola, filantropia, organização, salvação.

**ABSTRACT**

What does economy of alms mean? Is alms a means to an end or an end in itself? Alms is a *means* for survival within the line of misery. What happens is that when alms is institutionally appropriate and, therefore, structured by a religious organization, it becomes an end for the entity, who uses it as a sustaining instrument: the economy of alms appears, with an aim which is essentially economic, so much so, that it is not possible to imagine any of the institutions that make use of this means (the alms) to stop using it and continue to survive (one goes back to using alms as a means to an end).

Key-words: profit making, alms, philanthropic, organization, salvation.

---

<sup>1</sup> Reynaldo França Lins de Mello, Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor da Faculdade São Lourenço/Unisep. E-mail: reynaldomello@yahoo.com.br

## Prelúdio

A esmola, historicamente, habita uma esfera sagrada e cotidianamente, também vem ganhando terreno na esfera profana, talvez em função do desencantamento do mundo e da secularização do campo religioso, de todo modo é um fenômeno social que atravessa séculos e milênios se metamorfoseando. Esmolas para Deus, esmolas para os pobres, esmolas para o Estado (uma forma de tributos que advém, justamente, da esfera do sagrado; ou seja, os tributos às divindades), aliás, essa origem dos tributos é sugerida por Godbout em sua pesquisa sobre a dádiva<sup>2</sup>. Mas, por que se deve dar algo a Deus e aos pobres? O quê motiva a ação nesse sentido? Deve-se ser solidário para com o próximo mais necessitado (prerrogativa moral de quem é religioso?), talvez..., e embora Deus não seja um pobre necessitado, aos olhos Dele, nos mostramos mais nobres e merecedores da graça, da salvação; e, então, a esmola passa a ser um meio de se alcançar um fim determinado: uma ação social racional que visa a determinados fins (metafísicos ou profanos, não importa). Por outro lado, mostra-se como uma ação social valorativa: o “altruísmo narcisista” do indivíduo, daquele que doa e aguarda a retribuição divina em função de sua generosidade, adquire um status elevado em sua comunidade.

E no plano profano, na sociedade laica, como se traduz essa ação sagrada?

Ocorre que o sentido do sagrado permeia a própria sociedade, é nela que o sagrado tem sua gênese. A esfera do profano se interconecta a esfera do sagrado e produz zonas de confluência onde elementos do sagrado fazem às vezes de elementos do profano e vice-versa. Assim, a esmola habita um *lócus* tanto sagrado quanto profano. Como exemplos, vemos bênçãos religiosas em cerimônias de inaugurações de obras públicas e privadas, em solenidades e aberturas de sessões laicas como as do Poder Legislativo, com referência explícita à proteção divina, em papéis moedas frases evocando e invocando o nome de Deus, e entre tantas representações de valores, sentidos e ações – as mais pluralistas possíveis – vislumbramos a comunhão do sagrado com o profano.

A ação de doar, central nesse texto e contexto, possui um sentido de caridade que permeia ambas as esferas (do sagrado e do profano), justamente em razão de que a própria sociedade pode ser vista como um ente supremo por excelência, aquele Ser que cria o sagrado e o profano em um mesmo universo. Logo, a esmola pode ser compreendida como uma representação coletiva de origem religiosa e que prossegue no mundo profano preche de sacralidade, em função do sentimento de caridade e da expectativa de salvação que motiva a ação social dos indivíduos, dos grupos e da coletividade em linhas gerais.

---

<sup>2</sup> GODBOUT, Jacques, *O espírito da dádiva*. Lisboa: Instituto Piageg, S/d

## Caridade e Esmola

Como podemos definir caridade e esmola?

A caridade pode ser entendida como uma ação benevolente para com o próximo necessitado, uma ação sem interesse egoísta, movida apenas pelo altruísmo daquele que age em prol de uma “alma carente”. Vejamos o que nos diz o seguinte verbete<sup>3</sup>:

Caridade s.f. (Do lat. *caritas, caritatis*.) 1. No cristianismo, amor a Deus e ao próximo: a caridade é uma das três virtudes teológicas<sup>4</sup>. 2. Na expressão comum, amor ao próximo: agir por pura caridade. 3. Esmola, favor, benefício: fazer a caridade. 4. Bondade, compaixão.

Observa-se já no interior dessa definição, o termo esmola. O verbete deste léxico dá a seguinte definição:

Esmola s.f. (Do grego *ellemosyne*, piedade, pelo lat. *eleemosyna*) 1. O que se dá aos pobres por caridade; óbolo. 2. Fig. Favor: a esmola de um elogio, de um olhar. Benefício, caridade.

Então, ao se pensar sobre qual possa ser o sentido da esmola, temos que: *a esmola é um ato de caridade por parte de um indivíduo ou de um grupo social*. Esse ato de caridade significa dar algo a alguém, e quem dá possui mais do que quem recebe – muito embora esse seja um pressuposto que não é tão unívoco como possa transparecer a primeira vista ou ao senso comum.

Em sua tese de Livre-Docência<sup>5</sup>, Lisias Negrão ao comentar sobre a moralização da Umbanda, ressalta como elemento basilar a concepção de caridade.

Esta concepção é fundamental no contexto das religiões, mesmo entre as não moralizadas em sentido weberiano. Inclusive os magos e rapsodos, os mais antigos profissionais do sagrado, “exaltam a generosidade dos ricos e maldizem os avaros”. Já na religiosidade ética, “a esmola é a parte mais universal e primária” da virtude religiosa, estando sua recomendação presente em todas as religiões mundiais: é um dos cinco preceitos absolutos de fé no Islão. É a boa obra no Hinduísmo, no Confucionismo e no Judaísmo; Já “no caso do cristianismo primitivo adquiriu a dignidade de um sacramento” (1996: 368).

E mais adiante ressalta a relevância da

---

<sup>3</sup> GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

<sup>4</sup> As três virtudes teológicas são: a fé, a esperança e a caridade (verbetes da Grande Enciclopédia Larousse Cultural).

<sup>5</sup> NEGÃO, Lisias. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*: Edusp, 1996.

[...] superação do casuísmo da esmola eventual como forma de amor ao próximo e busca da salvação, pela criação de um habitus, tal como ocorreu não só no Catolicismo, mas também na religião de Zaratustra, no Hinduísmo e nas Igrejas Orientais. Ainda segundo Weber, a prática das boas obras adquire “uma direção metódica racional de toda a vida e não em virtude de obras isoladas entre si”<sup>6</sup>, importando não tanto as obras sociais em si mesmas, mas a transformação operada na pessoa tendo por fim seu autoaperfeiçoamento. (1996: 368).

Intuem-se por estas duas citações, que a esmola é uma ação arcaica (muito antiga no tempo histórico) e que diz respeito à esfera social da magia quanto da religião, portanto, possuindo um ‘quê’ de sagrado primordial. Por outro lado, forma-se ao longo da história uma prática da ação da caridade cada vez mais elaborada pela racionalização dos agentes sociais, visando alcançarem patamares morais e éticos mais dignos para si e para seu Deus (ou para o poder espiritual equivalente), tendo como objetivo o autoaperfeiçoamento e não tanto a realização das obras sociais em si mesmas e, como consequência, a supressão das necessidades alheias. Ou seja, o egoísmo apresenta-se travestido de altruísmo.

Então, a esmola é uma ação social histórica pertinente à esfera do sagrado, com casuísmos à parte, vem sendo tratada dentro do escopo da magia quanto da religião, e é a materialização por excelência da concepção da caridade chegando aos dias atuais sem obliterar o seu sentido fundamental apesar das suas diversas formas manifestas, de suas várias transformações estéticas (campanhas de solidariedade atualmente tão em voga).

Dar uma esmola é praticar um ato caridoso com um sentido abnegado, e pode ser representado por dois polos: um polo ‘A’ que doa algo a alguém (sujeito físico e ou institucional), e o polo ‘B’ que recebe (do mesmo modo, pode ser um indivíduo ou uma organização e ou instituição). Aparentemente o sentido é direto e sem bifurcações, mas o polo ‘A’ que pratica a caridade ao polo ‘B’ que a recebe, espera algo em troca, algo com características externas e principalmente internas. E o que poderia ser? Talvez a satisfação expressa do polo ‘B’ em ter recebido a doação? Ou mesmo que não haja um reconhecimento explícito, o polo ‘A’ aguarda por uma sensação de satisfação pelo ato em si que realizou? De fato o polo ‘A’ espera uma retribuição, sobretudo divina, da sua conduta caridosa representada pela esmola ou doação ofertada ao polo ‘B’.

A “retribuição” coloca o problema e a solução (ao menos momentaneamente) para o entendimento da caridade/esmola enquanto par de significações complexas: *o espírito da dívida*.

No entendimento de Godbout,

De facto, o dom unilateral (ou puro: ver Perry, 1985) é bastante fácil de compreender do ponto de vista do doador. O verdadeiro problema está do lado do receptor. O dom instaura uma dívida, um estado de dependência; ou então, ele marca uma exclusão do laço social, coisa que todos sentimos quando damos (damos uma esmola) a um mendigo na rua; experimentamos um obscuro mal-

---

<sup>6</sup> Max Weber (1964), p. 423, *apud* NEGRÃO.

estar, a vergonha que nasce do facto de, no próprio gesto de dar, confirmamos – aos nossos olhos e aos olhos do mendigo – a sua exclusão da sociedade, porque o nosso gesto não pode instaurar um laço social. Evitamos o olhar do mendigo e afastamo-nos rapidamente depois de ter dado, recusando assim as manifestações de reconhecimento, habitualmente recebidas com alegria. Situações como esta fazem sobressair as vantagens de passagem pelos mecanismos anônimos da redistribuição estatal e dos direitos, que despersionalizam o laço e que, portanto, nada tem a ver com um acto de exclusão. O comportamento será diferente quando se tratar de um caso de urgência, necessariamente temporário. Então, é a solidariedade face ao destino que funciona, a ideia de que aquilo poderá vir a acontecer a todos nós. As grandes religiões transformam igualmente o gesto, particularmente o cristianismo, que ensina ao doador que o receptor é o próprio Deus, a quem ele deve tudo, e que lhe retribuirá (Godbout, S/d: 260-1).

Essa ação pode criar laços sociais (fecundar a sociabilidade) que podem ou não serem aceitos, reforçados e ampliados. O dom ou a dádiva ocorre em várias instâncias da sociedade, mas o que se entende aqui é a forma específica da dádiva enquanto esmola, ou seja, o presente é dado aos mais necessitados materialmente e espiritualmente. Quanto ao *ser solidário*, a que Godbout faz referência, compreende-se como uma espécie de “seguro divino” aos olhos de Deus, ou mesmo, de algum outro poder (à família, à comunidade, à empresa, ou até ao Estado), um fidedigno atestado de merecimento. É melhor prevenir...

E a sociedade nesse processo? Não é que as interações sociais sejam totalmente anônimas ou que despersionalizem as relações sociais através de uma rede de captação e redistribuição das doações (embora ela, a rede, de fato exista, pois o fenômeno, como já comentado é complexo). O que se dá é a ordenação social das esmolas em grandes sistemas administrativos, econômicos e midiáticos. A esmola e a caridade são agora um assunto de profissionais que atuam em organizações filantrópicas ou não, religiosas ou não, privadas ou não, mas necessariamente sob a supervisão e gerenciamento de expertises que traçam metas, que planejam objetivos e os executam. A esmola se organizou!

## A Esmola Organizada

Pode-se olhar para a história da humanidade como uma história da teoria das trocas, embora não seja esse o procedimento aqui, é sempre bom ressaltar o fato de que os indivíduos são interdependentes e sempre trocaram coisas entre si, ou as coletividades entre as coletividades (vilas, lugarejos, comunidades e atualmente Estados e blocos de países). E essas ‘coisas’ nem sempre foram apenas artefatos, muitas vezes o conhecimento, informações e técnicas estiveram e estão dentro do universo das trocas entre as diversas culturas ao longo do processo civilizatório humano. E a esmola não foge a esse comportamento humano (a troca de ‘coisas’). A esmola, a doação, a dádiva e o dízimo (embora com algumas especificidades que não trataremos aqui por não ser

pertinentes a esse primeiro contato com o tema) são práticas milenares da ação social humana e fundamentais em sociedades sem Estado<sup>7</sup>. Essas práticas procuram manter através de transações (trocas em diversos níveis hierárquicos) as relações sociais em um estado de paz e de perpétua conjugação, dando às comunidades e às sociedades envolvidas na realização das “cerimônias de ofertas” uma sensação de controle e dever cumprido.

O interessante é que essa interdependência está associada à perpetuação da dívida, nunca havendo um equilíbrio, uma troca cem por cento equivalente, o que poria em risco o sistema de retribuições, o próprio espírito da dádiva (a economia contemporânea também busca um equilíbrio na balança comercial das “trocas” de mercadorias, mas que nunca, de fato, é alcançada). Mas outra coisa bem diferente são as sociedades com Estado, onde desigualdades crescentes remodelam o conceito da dádiva (o sentido não é mais para a paz, mas sim para a salvação) ao qual se pode referir como sendo a esmola. Esse aspecto está diretamente relacionado à miséria da condição da vida social, fruto da falta de acesso a bens materiais e simbólicos dados por uma determinada organização socio-histórica. Essas desigualdades vão aflorar de forma ampla e profunda com o surgimento da Revolução Industrial e da consequente organização da sociedade pelo e no capitalismo industrial. Portanto, se a dádiva é um produto que é adquirido por meio de trocas, qual o instrumento material e simbólico que é utilizado para realizar o intercâmbio pretendido em sociedades com desigualdades sociais fundadas na propriedade dos bens de produção? A doação de valores monetários em espécie e em bens de valor de troca.

Nesse caso, quando a esmola (doação de valores monetários) está sob uma forma organizada por um ator social, uma organização qualquer, torna-se doação, ressaltando uma imagem valiosa e valorosa de solidariedade para com o próximo e incentivando a todos a desabrocharem aquilo que há de melhor dentro de si: *o altruísmo*. Tem-se os exemplos do Exército da Salvação, da Legião da Boa Vontade, da Igreja Católica, dos Programas de Assistência Social e de inúmeras organizações de cunho filantrópico do Terceiro Setor, com as mais variadas características e com os mais diversos fins (atores da esfera religiosa, privada e pública participam dessa empreitada).

Logo, a esmola quando organizada por uma instituição, seja a instituição para o fim que for (justificativa explicitada pela organização), traz também, instantaneamente, efeitos não intencionais benéficos para a economia dos indivíduos e dos grupos diretamente relacionados com a ação social de esmolar e doar, ou seja, a esmola organizada propicia a organização de um empreendimento (exatamente isto, no sentido empresarial do termo) com fins mercantis (nunca declarados), onde o crescimento econômico se torna o fim da organização através da *esmola organizada em doações para obtenção da dádiva* – surgem, então, as empresas de bens de salvação e como consequência o nascimento da e economia da esmola e do mercado da esmola.

---

<sup>7</sup> Cf. a obra de Marcel Mauss, *O Espírito da Dádiva*.

## Economia da Esmola

A economia é a ciência da escassez, mas segundo Samuelson, outras características entram no escopo desse campo de estudos:

1. Economia ou Economia Política é o estudo das atividades que, com ou sem dinheiro, envolvem transações de troca entre pessoas.
2. Economia é o estudo da maneira pela qual os homens decidem utilizar recursos produtivos escassos ou abundantes (terra, mão-de-obra, bens de capital como maquinaria, conhecimento técnico) para produzir várias mercadorias (como trigo, carne de boi, sobretudos, iates; concertos, estradas, bombardeiros) e distribuí-las a vários membros da sociedade, para consumo.
3. Economia é o estudo de homens em sua atividade comum, ganhando e desfrutando a vida.
4. Economia é o estudo da maneira pela qual a humanidade realiza a tarefa de organizar suas atividades de consumo e produção.
5. Economia é o estudo da riqueza.
6. Economia é o estudo de como melhorar a sociedade (1977: 3).

Todas essas definições são válidas, e a lista poderia se estender muito mais, porém uma definição geral e mais aceita, segundo Samuelson, é:

Economia é o estudo de como os homens e a sociedade decidem, com ou sem a utilização de dinheiro, empregar recursos produtivos escassos, que poderiam ter aplicações alternativas, para produzir diversas mercadorias ao longo do tempo e distribuí-las para consumo, agora e no futuro, entre diversas pessoas e grupos da sociedade. Ela analisa os custos e os benefícios da melhoria das configurações de alocação de recursos (1977: 3).

Diante dessa definição, o que pode vir a significar o sintagma *economia da esmola*? A esmola é um bem escasso? Ela pode ser usada para produzir mercadorias? Para adquirir bens de capital? Ou ela própria (a esmola) tornou-se uma mercadoria? Afinal, a esmola é um meio ou um fim?

Inicialmente, temos a percepção, de fato, de que a esmola não é um bem em abundância e que sua atual organização por entidades filantrópicas vem ao encontro de suprir esta deficiência. Ela também pode vir a ser considerada como um recurso produtivo, se olharmos para o crescimento material e econômico de algumas organizações filantrópicas e ou religiosas.

A esmola pode ser entendida como um *meio* de sobrevivência dentro da linha de miséria. Ocorre que, quando a esmola é apropriada institucionalmente e, portanto, estruturada por uma organização específica (privada ou pública), ela se torna um *fim* para a entidade que a utiliza como instrumento de sustentação: surge a economia da esmola, com uma finalidade essencialmente econômica, tanto assim o é que se torna

impossível imaginar-se qualquer uma das instituições que se utilizam desse meio (a esmola) abrindo mão do mesmo e continuarem a sobreviver (volta-se à esmola como um meio, de fato temos uma ambivalência: a esmola adquire a “dupla personalidade”, ela é em si mesma, meio e fim).

É nesse movimento de alternância que a esmola pode ser considerada como uma ação social, que propicia tanto a sobrevivência mais imediata quanto a sustentabilidade por intermédio da acumulação de riqueza e de capital ao longo da história das civilizações humanas (patrimônio material de diversas religiões) – uma ação social com relação a fins, pois adota o raciocínio calculista que visa a um fim específico. Nesse caso, haveria uma ética da esmola, derivada de regras ascéticas de como proceder ao ato de esmolar? E, teremos como tipificar a ação de esmolar?

De todo modo, uma conotação positiva da esmola por intermédio do conceito de ética, a ela agregado, traz um conforto aos agentes sociais que doam, tanto como àqueles que recebem a doação; muito embora a esmola, e todo aquele que dela se utiliza como meio de sobrevivência (individualmente ou em grupos pelas ruas) seja carregado de estigmas, em algumas culturas e épocas, já houve valorações de superioridade, como é o caso exemplar da cultura indiana, por intermédio dos monges mendicantes (no catolicismo, as ordens mendicantes também se fazem presentes na história da ordem dos franciscanos). Mas nesse cenário de imposições valorativas, ora positivas, ora negativas, quais forças sociais estariam sendo engendradas em razão da estruturação da esmola enquanto uma instituição social devidamente “mascarada” como exemplo de solidariedade? Forças políticas, econômicas e religiosas? Poder-se-á alegar que a esmola organizada é tão somente uma questão de solidariedade humana para com seu próximo mais necessitado e incapaz de sobreviver sem a caridade alheia? E por que tais condições sócio-históricas surgem e propiciam a organização da esmola em instituições sociais com os fins mais diversos? É difícil imaginar que alguma instituição filantrópica/religiosa declare que seu fim é a acumulação de capital através da esmola e que sua atividade de caridade é apenas mais um negócio como qualquer outro, ou seja: a caridade passaria a ser um *meio* de se obter a esmola, esta seria o fim vislumbrado. O discurso corrente é justamente o inverso.

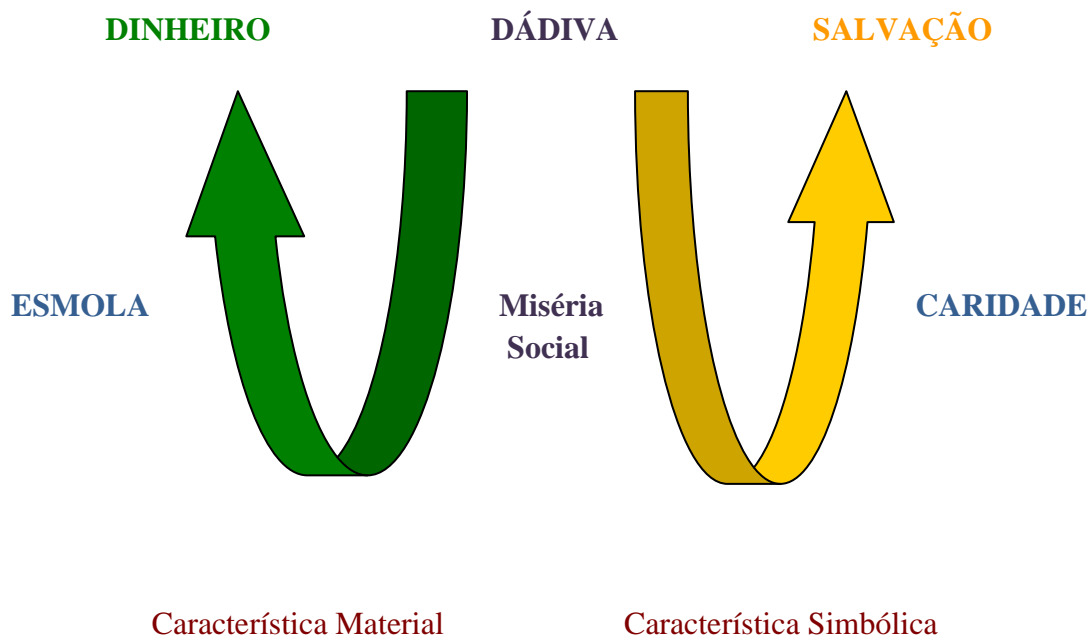
Podem parecer um tanto perverso que sem a *miséria social*, o sentido da esmola possa perecer e com ele, a dádiva, sua dimensão mais profunda<sup>8</sup>. Teríamos aí posto um circuito fechado em que a miséria justifica a esmola, que é justificada pela miséria com o aval da sacralidade da dádiva, pois a esmola está inserida na esfera do sagrado. Faço aqui essa afirmação em função de que a esmola advém historicamente de rituais sagrados: onde a doação é uma das formas mais antigas de troca conhecida pelas comunidades humanas.

Assim, formulo um primeiro esboço, no qual uma representação pertinente ao núcleo duro da concepção da economia da esmola (em gestação teórica) sirva de mapa mental subsidiando a análise aqui empreendida:

---

<sup>8</sup> Bem entendido, a dádiva no mundo contemporâneo, que é expressão advinda do mundo bíblico e não das sociedades estudadas por Mauss, pois são processos históricos diversos.





A questão que se coloca, então, é: *pode*<sup>9</sup> a esmola organizada através de instituições sociais vir a se constituir como fonte de riqueza e de acumulação de capital de uma organização privada ou mesmo estatal, gerando um mercado da esmola, que fomenta a existência de uma economia da esmola?

Esta é a interrogação guia dessa tese, o problema em si que desperta para uma questão crucial sobre o mercado, ou melhor, o tipo de mercado do qual estamos tratando, e que tem como pano de fundo a discussão entre teologia da prosperidade versus teologia da reciprocidade. É bom ressaltar de que

Não se trata de um mercado qualquer, mas do mercado capitalista caracterizado pela não-reciprocidade. Já Aristóteles (Duchrow, 1995: 20ss.) estabelecia a distinção entre comércio de trocas centrado nas necessidades locais (oikonomia) e o mercado de acumulação de dinheiro (lucro ou juros) K. Polanyi (1975: 244) acrescentou que com o sistema capitalista se passara de uma situação em que o mercado estava inserido no conjunto das relações sociais, como prática social de reciprocidade, para uma situação de maior liberdade da atividade econômica. A sociedade se transforma, portanto, num apêndice do mercado caracterizado pela não-reciprocidade e por uma relação de forças em que há ganhadores e perdedores (HOUTART, 2003: 73-4).

Ou será o caso de se entender que

<sup>9</sup> Aqui, o termo *pode* é utilizado no sentido de ocorrer na realidade com frequência, exprimindo a “normalidade” do sistema, o que nos leva ao plano valorativo: torna-se aceitável e legítimo que assim ocorra em função do costume que se vai adquirindo.

[...] o mercado total é avesso a donativos, o que paradoxalmente exige o retorno, ainda mais forte, do próprio mercado. É certo que há muito tempo os donativos não são necessários à produção e à reprodução da sociedade (Godelier, 1996: 291). Atualmente, estão relegados à esfera do setor privado, unidos a uma forma de troca que, na economia de mercado, só é legitimada para remediar, provisoriamente, as deficiências das transições ou acidentes nos ajustes, como vem ocorrendo, hoje em dia, nos antigos países socialistas ou no Terceiro Mundo (HOUTART, 2003: 74).

Então, o donativo continua a ter características de “tampão” para as “deficiências” do mercado capitalista, como também argumenta Boaventura (2002), mantendo resquícios da dimensão da dádiva, ou adquire de direito e de fato uma dimensão capitalística? Penso que não pelo que foi exposto até este momento, pois as doações-esmolas se transformam em capital ao serem utilizadas em grande parte em atividades do sistema produtivo capitalista, bem como, a própria filantropia, transforma-se em uma relação de produção que produz cada vez mais recursos (doações-esmolas).

Aqueles que se posicionam contra esta posição, via de regra argumentam segundo os estudos de Mauss e seus seguidores, elegendo como paradigma a clássica obra, *Ensaio sobre a Dádiva*. Ocorre que Mauss tratou dos fenômenos sociais totais sob a ótica do contrato, em um universo de comunidades complexas de trocas que se posicionam na *reciprocidade*, ao invés da *prosperidade* utilitarista do capitalismo. É o que ele designa como *sistema das prestações totais*. Parece estranho, mas não o é. Claro que os grupos analisados por Mauss buscavam a prosperidade, mas prosperidade dentro de um sistema de equilíbrio e de rivalidades entre as comunidades que trocavam suas mercadorias e seus bens simbólicos, onde a competição exigia por parte dos agentes a *não* acumulação destes bens, como no caso mais extremado do Potlatch.

O aspecto crucial e que é mostrado sobre a tese principal da obra de Mauss, diz respeito ao fato no qual ele

[...] postula um entendimento da constituição da vida social por um constante dar-e-receber. Mostra ainda como, universalmente, dar e retribuir são obrigações, mas organizadas de modo particular em cada caso. Daí a importância de entendermos como as trocas são concebidas e praticadas nos diferentes tempos e lugares, de fato que elas podem tomar formas variadas, da retribuição pessoal à redistribuição de tributos (2000: 175).

Assim, podemos entender que cada sociedade tem suas regras de dar e retribuir. As trocas assumem vários formatos e, embora possam ser consideradas como fenômenos perenes, apresentam-se com características particulares. Entretanto,

“Lévi-Strauss (1949), proporrá haver algo de universal por trás da diversidade no nível dos fatos, formalizando o ‘princípio da reciprocidade’” (LANNA, 200: 178).

... Mauss explica a destruição sacrificial a partir da lógica da reciprocidade, o sacrifício sendo uma doação que implica destruição e que deve ser retribuída pelos deuses (idem, p. 63). O sacrifício também é um contrato (idem, p. 65). Como no potlatch, os chefes aliados/rivais polinésios se vêem mutuamente como deuses. Esse tema ainda merece mais estudos, assim como o das esmolas, também presentes tanto no contexto polinésio como no do noroeste norte-americano, e que podem ser definidas como “dávivas oferecidas às crianças e aos pobres [que] agradam aos mortos” e aos deuses (idem, p. 65-66). Mauss sugere haver uma relação entre esses temas, o sacrifício e a esmola: esta é um sacrifício feito às crianças e aos pobres (LANNA, 2000: 180).

Em toda a obra de Mauss *Ensaio sobre a Dáviva*, e pelos comentários de Lanna, vemos a questão de fundo como sendo a da *circulação*. É não só importante, como fundamental fazer circular os bens materiais e simbólicos, os afetos e rivalidades, o status, a honra, o crédito, o sacrifício (destruição literal dos bens e de vidas, e não metaforicamente), etc. É o fato social total que Mauss está buscando, e não uma questão de fraternidade cristã, onde o ato de dar é misericordioso aos olhos de Deus, ou mesmo impõe um contrato com o divino, no qual Este está intimado a retribuir. Há a ação de dar e retribuir, como há a misericórdia, há o contrato, mas esses atos não são o que Mauss chama de dáviva. Claro que podem ser incluídos em uma análise a partir do estudo de Mauss, mas com as devidas ressalvas, como nos alerta Lanna:

Mas na ‘Conclusão’ do Ensaio Mauss não pensa em um paralelismo entre dáviva e mercadoria. Sua idéia, cuja importância, a meu ver, ainda não foi devidamente avaliada, é a de que, na modernidade, a dáviva está de certo modo embutida na compra e venda. Isto é, essas lógicas não se excluem porque ‘as coisas vendidas tem uma alma’ (Mauss, 1974, p. 164) (2000: 189).

Este aspecto é que passa, muitas vezes, sem ser devidamente discriminado. O que defendo aqui é que existe uma dimensão econômica por excelência que utiliza a dáviva como conceito central, mas não a dáviva advinda da lógica de Mauss, e sim aquela advinda do livro bíblico, do Antigo e do Novo Testamento. Não é o caso que instituições religiosas como o judaísmo, o catolicismo, as diversas designações do protestantismo, espiritismo, entre outras tantas designações religiosas, tenham se apropriado da lógica capitalista, mas ao serem frutos da tradição bíblica, carregam “dentro de si” uma normatização social e econômica que se desenvolveu ao longo de dois mil anos.

A dáviva, no contexto de Mauss, traz interessantes ideias, que podem ser utilizadas sempre com um balizamento dos contextos históricos ao qual estamos nos referindo. Se esses cuidados forem tomados, penso que a discussão se enriquecerá. A

dádiva existe, ou melhor, as dádivas, e temos de saber identificar o sentido do conceito de acordo com o contexto histórico no qual estamos trabalhando. Por isso, complementar a proposta de Mauss com o mundo bíblico, quando possível for, é válido, como válido também é a visão utilitarista da economia, da construção do homem econômico que ainda está em seus primeiros passos e é obra não da natureza, mas da cultura. São especialmente significativas duas considerações que Mauss faz a respeito do Hinduísmo e do Islamismo e que reforçam nossa reflexão:

Está na natureza do alimento ser partilhado; não o partilhar com o outro é <<matar a sua essência>>, destruí-lo para si e para os outros. Tal é a interpretação ao mesmo tempo materialista e idealista que o bramanismo deu da caridade e da hospitalidade. A riqueza é feita para ser dada. Se não houvesse brâmanes para a receber, << vã seria a riqueza dos ricos>> (2001: 162).

E ao comentar sobre a *Surata* LXIV <<decepção mútua>> (último juízo), revelada a Maomé, em Meca:

16. Temei a Deus com todas as vossas forças; escutais, obedeci, daí esmola (sadaga) no vosso próprio interesse. Aquele que se mantém em guarda contra a sua avareza será feliz.

17. Se fizerdes a Deus um empréstimo generoso, ele pagar-vos-á o dobro, ele perdoar-vos-á, pois é reconhecido e pleno de magnanimidade.

Será ingenuidade, portanto, não avaliar a dimensão econômica, ou mesmo considerá-la de segunda ordem, quando é visível a necessidade de se impor a doação-esmola para o sustento do clero, seja ele hindu, mulçumano, católico, protestante, e na contemporaneidade as empresas filantrópicas/religiosas etc. Se dúvida há sobre a faceta econômica da dádiva em Mauss, ele mesmo, ao comentar sobre o trecho da *Surata* (citada acima) argumenta que,

Substituí o nome de Alá pelo da sociedade e do grupo profissional ou adicionais os três nomes, se soís religiosos; substituí o conceito de esmola pelo de cooperação, de um trabalho, de uma prestação feita em intenção de outrem [trabalho voluntário]: tereis uma ótima idéia da arte econômica que está em vias de criação laboriosa. Vêmo-la funcionar já dentro de certos agrupamentos econômicos e nos corações das massas que têm, muito freqüentemente, melhor do que seus dirigentes, o sentido dos seus interesses, do interesse comum (2001:190).

Certamente, a sociedade é um Deus social e a religiosidade influencia a esfera econômica, afinal a própria sociedade tem um quê de religiosidade<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> [...] quando vemos Deus como a sociedade de todas as sociedades possíveis, o estudo da sociologia adquire um novo e inesperado significado, e nós todos encontramos-nos imersos num Deus social, criado e

Assim, podemos entender a dádiva como circulação, como troca, principalmente de riqueza econômica em nossa sociedade, bem entendido, em nosso contexto sócio-histórico, desde a Modernidade aos dias atuais; sem, é claro, perder de vista outros sentidos. Dentro desse panorama, a economia da esmola é um fenômeno histórico e que assume, no mercado capitalista, sua face desnuda, seu lado profano (sem abrir mão do sagrado), o que nos permite uma maior visibilidade da mesma.

## Buscando uma Hipótese

Chegamos ao momento em que já é possível a construção da hipótese que se dá na passagem de um nível existencial para o nível estrutural (sentido inverso ao que Stoffels realizou em sua obra, *Os mendigos na cidade de São Paulo: ensaio de interpretação sociológica*), onde encontraremos o ato isolado de um indivíduo que *esmola*, sendo apropriado, transformado e exercitado por uma coletividade organizada, tornar-se uma *doação* (aspecto simbólico).

Nessa perspectiva, a economia da esmola é uma fonte de acumulação de capital que vai influenciar a cultura da sociedade, as relações sociais e suas representações; ou seja, o status social-espiritual da relação doador → doação/esmola → necessitado passa por uma transformação ao longo do tempo histórico que tem na dádiva (economia da salvação) o seu núcleo existencial, e desemboca na atualidade em um nível que sinaliza para a estruturação desse fenômeno. Se a esmola organizada enquanto uma instituição social dá origem à economia da esmola, que por sua vez gera a acumulação de capital, como também fomenta a solidariedade espiritual, por intermédio da aquisição da dádiva – agora estruturada em igrejas-empresas e Ongs filantrópico-empresariais –, temos a criação de um mercado formal da esmola, mas que não é nomeado como tal.

Observamos ao longo do tempo histórico que tanto as organizações religiosas e privadas quanto os programas públicos assistenciais acumulam riquezas materiais e capitais em função da apropriação da prática de pedir esmolas-doações, isto em razão de que o crescimento econômico (ainda mais na sociedade de mercado capitalista) se torna o fim da organização através da esmola organizada em doações. Nesse contexto, é pertinente a discussão que Karl Polanyi faz em sua obra *A Grande Transformação* sobre a autonomização da esfera do mercado frente à sociedade. Para este autor, o mercado deixa de ser uma instância da sociedade, transformando a sociedade em uma instância própria a ele (o mercado). Temos aí o surgimento do mercado liberal como regente da sociedade, a sociedade como uma esfera tutelada ao mercado e por ele determinada – a famosa “Mão Invisível” apregoada por Adam Smith<sup>11</sup>.

---

criador, liberado e liberador – um Deus que, como Outro, exige participação, e que, como Eu, exige identidade (WILBER, 1993).

<sup>11</sup> Há uma discussão sociológica e teológica sobre a deificação do mercado (o surgimento da religião do mercado). Os sociólogos tendem a refutar esta tese, enquanto os teólogos tendem a afirmar sua existência, mas a desqualificá-la como “idolatria”. Mas uma interessante pesquisa de doutoramento em Sociologia, na UNESP, reacende a discussão sobre a religião do mercado, ao estudar a organização AMWAY. Segundo o autor, Cetrulo Neto, “*a AMWAY é uma indústria presente em 80 países ou territórios e conta*

É necessário explicitar a importância de se compreender que o processo da vida humana em sociedade é complexo. A sociedade é uma criação e um produto humano e o mercado idem, o entendimento de ambos como um objeto com características específicas não deve ser confundido com uma discussão existencialista, que tem o mercado como um ente, um Ser. Da mesma forma a sociedade não é um Ser que paira sobre as consciências alheias, mas sim aspectos da vida humana que interagem com esses seres humanos, retroagem e realimentam o próprio homem em sua jornada existencial e criativa: eis a emergência da cultura no mundo, até então amordaçada pelo determinismo biológico.

Também não é o caso de cairmos em reducionismos, tão sedutores e apreciados por aqueles que desejam tudo explicar com o tom de última e derradeira palavra sobre o assunto. Seria muito simples afirmar que o mercado determina a ação de todos e tudo gira em função dele, logo a esmola organizada também seria uma criação do mercado e, portanto, nada mais haveria para se dizer. Isso seria de fato tentador, mas evitemos cair nessa armadilha, até porque, o mercado é uma criação coletiva dos homens com o intuito de realizar *a troca* de coisas em sociedade e, do período moderno até à contemporaneidade, está baseado em fundamentos filosóficos utilitaristas, mas nem sempre foi assim. Daí que, quando falamos em estruturação da economia da esmola, é dentro de um período específico – embora ainda não findo – e não no sentido universal, não é de forma alguma, uma assertiva nomológica.

Assim, formulo duas hipóteses que se complementam. A primeira diz respeito à dimensão material do fenômeno, e a segunda à mentalidade dos agentes envolvidos no processo da criação da economia da esmola:

- 1- *A existência da economia da esmola só poderá ser comprovada se a ação social dos agentes, induzirem à acumulação de capital, determinando um nicho de mercado específico, o mercado da esmola;*<sup>12</sup> e
- 2- *Se a apropriação simbólica da transformação da esmola pela doação se mostrar efetiva nas representações sociais dos agentes fundamentando suas ações sociais para a “naturalização” das ofertas, teremos uma demanda crescente pela obtenção da dádiva como um fim subjetivamente intentado.*

Então, qual o sentido das ações orientadas para o exercício da esmola como uma ação organizada e uma ordem legitimada? Uma resposta preliminar aponta para o modo

---

*com mais de 3 milhões de distribuidores cadastrados em todo o mundo*”. Diz que o marketing de rede, utilizado pela empresa, se apóia em relações de amizade, parentesco e valores religiosos (embora não declarados). Um exemplo comentado pelo autor é de que *“os que divergem devem ser taxados de negativos. Mais do que uma comunidade religiosa, essa forma de pensar e agir com uma aversão a todos os que não são favoráveis ao sistema é uma característica das seitas religiosas”* (CETRULO NETO, 2001: 312). Embora eu não pretenda discutir a religião do mercado, aspectos dessa discussão podem ser vistos na economia da esmola.

<sup>12</sup> Parece ser este o caso, pois os agentes filantrópico-religiosos atuam fortemente para convencerem os agentes doadores fiéis ou leigos da importância de doarem seus recursos às instituições.

religioso, em que a obtenção dos bens de salvação pressupõe a crença nessas ações orientadas para a doação e caridade – economia da salvação.

Podemos indagar também se a economia da esmola só é possível de existir na medida em que o *reencantamento* e a *ressacralização* do mundo social, em sociedades com grandes discrepâncias econômicas como as que ocorrem no Brasil, por parte dos agentes, são erigidos como um meio de solucionar os problemas, as dificuldades socioeconômicas do cotidiano: é na esfera do sagrado e na esfera do mágico que os agentes buscam a defesa contra as impurezas do meio profano e do meio não-mágico.

Será que algum dia, desde a instauração do mundo moderno e secular, onde o Estado laico e a Ciência trabalham para alijar a concepção mágica<sup>13</sup> do mundo e a concepção do sagrado das ideias, das representações e das ações dos agentes, na formulação de uma nova visão de mundo, o efeito não foi contrário ao esperado? Por que os personagens políticos são adorados com ídolos, como verdadeiros ícones sagrados? Ou por que a ciência mesma é considerada algo “mágico”, que somente pessoas especiais entendem?

Claro está que o Estado no mundo ocidental não voltou a ser sagrado, e que a profusão de expressões religiosas se dá em função da liberdade de credos garantida, justamente, pelo Estado laico, pois não há mais uma religião oficial (exceção dos Estados teocráticos em nome do Islã); mas muitos fundamentalistas de diversos credos religiosos procuram atuar e atuam no Estado, alguns até já ocupam os cargos mais altos na esfera de governo (em várias partes pelo globo), seja no poder legislativo ou no executivo (exemplo disto foi o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, G. Bush que usou argumentos de missão sagrada para intervenções militares em outras nações, como também, a complicada situação do Estado de Israel em conflito constante com árabes e palestinos pela posse e manutenção das terras consideradas sagradas e que estão ocupadas pelas partes em conflito). Muitos avanços foram conquistados pelo direito laico, mas inúmeros tabus ainda persistem... O imaginário da história das sociedades humanas ainda é muito mais mágico e sagrado, do que científico<sup>14</sup>.

Por isso que a discussão que é feita desses conceitos (desencantamento do mundo e reencantamento, dessacralização e ressacralização), na contemporaneidade, por Peter Berger, Antônio Pierucci e Lísias Negrão, é de valiosa importância para a compreensão da ação subjetiva dos agentes, de suas relações, até à estruturação da esmola organizada e da economia da esmola aqui aventada.

Se a intenção por parte das organizações que se apropriam da esmola não é tomarem o Estado laico e transformá-lo em sagrado, com o conseqüente retorno de uma religião oficial, qual é então o fim subjetivamente visado? Os dados preliminares indicam para a acumulação de capital e obtenção de poder no e do mundo profano, laico e científico, através do imaginário mágico, profético e sagrado, uma conjuração entre sagrado e profano. Eis o nó górdio!

---

<sup>13</sup> Max Weber (1999) considera o mago profissional, como sendo o exemplo da mais antiga profissão do mundo (pp. 280- 295).

<sup>14</sup> Para uma discussão sobre o imaginário e a ciência, remeto o leitor à Bachelard (1996), à Castoriadis (1982) e à Durand (1988 e 1997).

## Considerações Finais

No atual momento planetário, nomeado como globalização (entre outras designações tendenciosas ou não), Boaventura se refere a esta (a globalização) como sendo uma evolução do capitalismo mercantil, que entre diversas desestruturações e adaptações sociais, políticas, econômicas e culturais, levam a:

[...] pauperização dos grupos sociais vulneráveis e a acentuação das desigualdades sociais [que] são consideradas efeitos inevitáveis da prosperidade da economia e podem ser minoradas por medidas compensatórias desde que estas não perturbem o funcionamento dos mecanismos de mercado (2002: 79).

O que vem reforçar, justamente, a oportunidade para o desenvolvimento da organização da esmola dentro do campo das “medidas compensatórias” em um primeiro momento. De fato, vê-se o surgimento de uma nova dimensão de exploração que longe de perturbar o funcionamento dos mecanismos de mercado, e de ser uma mera compensação, incrementa-o com uma nova modalidade: *o mercado da esmola*.

Esse é um tema instigante: compreender a esmola organizada e a economia da esmola como formação de uma nova faceta da realidade sócio-histórica que, dia a dia, se apresenta mais contundente: o crescimento e enriquecimento material, financeiro e político das organizações filantrópicas e religiosas. E para isso, muito embora possa parecer um tanto perversa a afirmação de que sem *miséria social* o sentido da esmola possa perecer, e com ele a dádiva para a salvação via dízimo, ofertas, obras, transformações de fé e caridade, é viável e necessário para o sistema socioeconômico que assim seja; pois de que outra forma poderá haver justificação para tão ampla e sonora campanha de pedidos e mesmo exigências de doações (dízimos e ofertas à Deus como forma de pactuar a salvação)?

Tem-se então, um circuito fechado no qual a miséria justifica a esmola, que é justificada pela miséria com o aval da sacralização da dádiva, pois a esmola está inserida na esfera do sagrado e, é daí que advém sua legitimidade, sobretudo para com o mundo profano por intermédio de rituais sagrados, nos quais a doação, a oferta, é uma das formas mais antigas de troca com as divindades conhecidas construídas na história humana.

É fundamental que se tenha o entendimento de que a estruturação social da esmola necessita de um universo social de miseráveis e pobres, e que mais pobres sejam “produzidos socialmente” pelo sistema; ou seja: perenidade da miséria e pobreza! A desigualdade social deve ser crescente para que o negócio da esmola organizada floresça isso é imperativo, mas até que ponto? O Estado poderá intervir para evitar monopólios da esmola? O mercado da esmola se autorregulará? Teremos uma pluralidade de empresas filantrópicas concorrendo entre si?

A grande questão, então, que se coloca é: pode a esmola organizada através de instituições sociais constituir-se, de fato, como fonte de riqueza e de acumulação de capital de uma organização privada e ou religiosa, gerando uma economia da esmola



que fomente a existência de um mercado da esmola? Penso que sim e este é o intuito da reflexão aqui proposta, com a nítida convicção do merecimento de uma análise mais profunda e ampla sobre o tema.

## Referências

BACHELARD, Gaston (1996), *A formação do espírito científico: contribuição para uma micranálise do conhecimento*. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.

BERG, Peter L. (1985), *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus.

BÍBLIA. Português. (2002), *A Bíblia de Jerusalém*. Trad. Euclides Martins Balancin et alii. São Paulo: Paulus

CASTORIADIS, Cornelius. (1982), *A instituição imaginária da sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra

CETRULO NETO, Francisco. (2001), “A AMWAY: uma sociabilidade às avessas. In: D’INCAO, Maria Angela. (Org.). *O Brasil não é mais aquele... mudanças sociais após a redemocratização*. São Paulo: Cortez Editora, pp. 311-324.

DURAND, Gilbert. (1988), *A imaginação simbólica*. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix.

\_\_\_\_\_. (1997), *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes.

GODBOUT, Jacques T. (1997), *O espírito da dádiva*. Portugal: Instituto Piaget.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Nova Cultural, 1998.

HOUTART, François. (2003), *Mercado e religião*. Tradução de Claudia Berliner e Renata Cordeiro. São Paulo: Cortez Editora.

LANNA, Marcos (2000). Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, 14, p. 173-194, jun.

MARX, Karl. (2003), *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução de Maria Helena Barreiro Alves. São Paulo: Martins Fontes.

MAUSS, Marcel. (2001), *Ensaio sobre a dádiva*. Tradução de Antonio Filipe Marques. Portugal: Edições 70.

NEGRÃO, Lisias Nogueira. (1996), *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp.

POLANYI, Karl. (2000), *A grande transformação: as origens da nossa época*. Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campus.

PIERUCCI, Antônio Flávio. (1998), Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 13, n° 37, p.43-73, jun. 1998.

\_\_\_\_\_. (2003), O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber. São Paulo : USP, Curso de Pós-Graduação em Sociologia: Ed. 34

SAMUELSON, Paul Anthony. (1977), *Introdução à análise econômica*. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Rio de Janeiro: Agir.

SANTOS, Boaventura de Souza (org.). (2002), *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez.

STOFFELS, Marie-Ghislaine (1977). Os mendigos na cidade de São Paulo: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

WEBER, MAX. (1999), *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica de Grabiell Cohn. Vol. 1 Brasília: São Paulo; Ed. UNB: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

WILBER, Ken. (1993), *Um Deus social: breve introdução a uma sociologia transcendental*. Tradução de Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Ed. Cultrix.